

capítulo um

TATE

— Alguém esfaqueou seu pescoço, mocinha.

Meus olhos se arregalam, e me viro lentamente para o senhor idoso parado ao meu lado. Ele aperta o botão do elevador e se volta para mim, então sorri e aponta para meu pescoço.

— Sua marca de nascença — explica.

Instintivamente, ergo a mão e toco a marca do tamanho de uma moeda que fica abaixo da minha orelha.

— Meu avô dizia que o local da marca de nascença de uma pessoa revelava a história de como ela perdeu a batalha na vida passada. Pelo jeito, você levou uma facada no pescoço. Mas aposto que foi uma morte rápida.

Sorrio, mas não sei se devo achar graça ou ficar com medo. Apesar de ter puxado papo de uma maneira um tanto mórbida, não vejo como esse senhor pode ser muito perigoso. Sua postura curvada e trêmula indica que não tem menos de 80 anos. Ele dá alguns passos lentos na direção de uma das duas cadeiras de

veludo encostadas na parede ao lado do elevador, então solta um grunhido ao se acomodar, e olha para mim mais uma vez.

— Vai para o décimo oitavo andar?

Meus olhos estreitam-se enquanto assimilo a pergunta. Por alguma razão, ele sabe para que andar estou indo, apesar de ser a primeira vez que piso nesse prédio e de, definitivamente, ser a primeira vez que vejo esse homem.

— Sim — digo, cautelosamente. — O senhor trabalha aqui?

— Na verdade, trabalho.

Ele indica o elevador com a cabeça, e meu olhar segue os números iluminados. Onze andares para chegar. Espero que seja rápido.

— Eu aperto o botão do elevador — diz ele. — Acho que meu trabalho não tem um nome oficial, mas gosto de dizer que sou capitão de voo, pois faço as pessoas subirem até vinte andares no ar.

Sorrio com as palavras dele, pois tanto meu irmão quanto meu pai são pilotos.

— Há quanto tempo é capitão de voo aqui? — pergunto, enquanto espero.

Juro que esse maldito elevador é o mais lento que já vi.

— Desde que fiquei velho demais para cuidar da manutenção do prédio. Trabalhei aqui por 32 anos antes de me tornar capitão. Faço as pessoas voarem há mais de quinze se não me engano. O dono me deu esse trabalho por pena, para me manter ocupado até eu morrer. — Ele sorri para si mesmo. — O que não percebeu foi que Deus me deu muitas missões importantes para cumprir na vida, e, nesse momento, estou tão atrasado com elas que *nunca* vou morrer.

Percebo que estou rindo quando a porta do elevador finalmente se abre. Estendo o braço, seguro a alça da minha mala e me viro para ele mais uma vez antes de entrar.

— Qual o seu nome?

— Samuel, mas pode me chamar de Cap. Todos me chamam assim.

— Tem alguma marca de nascença, Cap?

Ele sorri.

— Na verdade, tenho. Parece que, na minha vida passada, levei um tiro bem na bunda. Devo ter sangrado até a morte.

Sorrio e levo a mão à testa, cumprimentando o capitão com a devida continência. Entro no elevador e me viro para as portas abertas, admirando o luxo da portaria. Parece mais um hotel histórico do que um prédio residencial, com colunas grossas e chão de mármore.

Quando Corbin me deixou ficar em sua casa até que eu encontrasse um emprego, eu não fazia ideia de que ele vivia como um adulto de verdade. Achei que seria como da última vez em que o visitei, logo depois de me formar no colégio. Na época, ele tinha começado a estudar para tirar a licença de piloto. Isso foi há quatro anos, e era um prédio meio esquisito de dois andares. Mais ou menos o que eu estava esperando hoje.

Não imaginava de maneira alguma um enorme arranha-céu bem no centro de São Francisco.

Encontro o painel e aperto o botão do 18º andar, depois olho para a parede espelhada do elevador. Passei o dia anterior e boa parte daquela manhã guardando tudo que havia no meu apartamento em San Diego. Felizmente, não tenho muitas coisas. Mas depois de dirigir sozinha 800 quilômetros, a exaustão está bem nítida no meu reflexo. O cabelo está preso com um lápis num coque frouxo no topo da cabeça, pois não consegui encontrar um elástico enquanto dirigia. Normalmente, meus olhos são tão castanhos quanto meu cabelo cor de avelã, mas agora estão uns dez tons mais escuros, graças às olheiras que os acompanham.

Coloco a mão na bolsa e pego um protetor labial na esperança de salvar meus lábios antes que acabem ficando com uma aparência tão desgastada quanto o resto de mim. Assim que as portas do elevador começam a se fechar, elas se abrem novamente. Um rapaz caminha apressado na direção dos elevadores, preparando-se para seguir em frente enquanto cumprimenta o senhor.

— Valeu, Cap.

Não consigo ver Cap de dentro do elevador, mas ouço-o responder com um grunhido. Não parece nem um pouco a fim de puxar papo como fez comigo. Esse cara aparenta ter uns 30 anos, no máximo. Sorri para mim, e sei exatamente o que está pensando, pois acabou de colocar a mão esquerda no bolso.

A mão com a aliança.

— Décimo andar — fala, sem tirar os olhos de mim. Seu olhar desce até o pequeno decote da minha camisa e depois passa para a mala ao meu lado. Aperto o botão do décimo andar. *Devia ter vindo de suéter.* — Está se mudando pra cá? — pergunta, encarando descaradamente minha camisa mais uma vez.

Faço que sim, mas duvido que ele tenha percebido, pois seu olhar empacou bem longe do meu rosto.

— Que andar?

Ab, não, nem vem. Estendo o braço e cubro todos os botões do painel com as mãos para esconder o botão do 18º aceso, então pressiono todos os botões entre o dez e o dezoito.

Ele olha para o painel, confuso.

— Não é da sua conta.

Ele ri.

Acha que estou brincando.

O homem ergue a sobrancelha escura e grossa. É uma bela sobrancelha. E está num belo rosto, que está numa bela cabeça, que está num belo corpo.

Num corpo *casado*.

Babaca.

Sorri sedutoramente após perceber que dei uma conferida nele; só que não foi pelo motivo que ele está pensando. Eu estava me perguntando metalmente quantas vezes esse corpo pressionou alguma moça que não era a sua esposa.

Sinto pena dela.

Ele está olhando para o meu decote mais uma vez quando chegamos ao décimo andar.

— Posso ajudá-la com isso — oferece, inclinando a cabeça na direção da minha mala.

A voz dele é gostosa. Pergunto-me quantas garotas já se entregaram a essa voz casada. Ele se aproxima de mim e estende o braço na direção do painel, apertando corajosamente o botão que fecha as portas.

Encaro-o e aperto o botão para abri-las.

— Eu me viro.

Ele assente como se entendesse, mas ainda há um brilho malicioso em seus olhos, que me confirma que não fui com a cara dele. O homem sai do elevador e se vira para mim antes de se afastar.

— Até mais, Tâte — diz, enquanto as portas se fecham.

Franzo a testa, constrangida porque as duas pessoas com quem interagi desde que entrei nesse prédio já sabem quem sou.

Continuo sozinha no elevador, parando em todos os andares até chegar ao meu. Saio, tiro o telefone do bolso e abro as mensagens de Corbin. Não lembro qual era o número do apartamento. Ou é 1816 ou 1814.

Talvez 1826?

Paro na frente do 1814, pois tem um homem apagado no chão do corredor, recostado à porta do 1816.

Por favor, não seja o 1816.

Encontro a mensagem no telefone e tenho um calafrio. É o 1816.

Claro que é.

Aproximo-me da porta lentamente, torcendo para não acordar o cara. Suas pernas estão esparramadas para a frente, e ele está encostado na porta de Corbin, com o queixo no peito, roncando.

— Com licença — digo, bem baixinho.

Ele não se move.

Ergo a perna e cutuco seu ombro com o pé.

— Preciso entrar nesse apartamento.

Ele se mexe e abre lentamente os olhos, encarando minhas pernas à frente.

Seus olhos encontram meus joelhos, e ele franze as sobrancelhas enquanto se inclina vagarosamente para a frente, enrugando bastante a testa. Ergue a mão e cutuca meu joelho com o dedo, quase como se nunca tivesse visto um joelho antes. Então afasta a mão, fecha os olhos e cai de novo contra a porta, voltando a dormir.

Maravilha.

Corbin só volta amanhã, então disco o número dele para saber se devo me preocupar com esse cara ou não.

— Tate? — atende, sem nem sequer dizer alô.

— É. Cheguei bem, mas não consigo entrar porque tem um bêbado apagado aqui na sua porta. Alguma sugestão?

— 1816? Tem certeza de que está no apartamento certo?

— Sim.

— Tem certeza de que ele está bêbado?

— Sim.

— Que estranho. O que está vestindo?

— Por que quer saber isso?

— Se estiver de uniforme de piloto, provavelmente mora no prédio. A nossa companhia aérea tem um contrato com o prédio.

O cara não está com nenhum uniforme, mas é inevitável perceber que a calça jeans e a camisa preta ficaram muito bem nele.

— Sem uniforme — confirmo.

— Consegue passar por ele sem acordá-lo?

— Precisaria arrastá-lo. Ele vai cair para dentro do apartamento se eu abrir a porta.

Corbin fica em silêncio por alguns segundos enquanto pensa.

— Vá lá embaixo e chame o Cap — sugere. — Avisei que você chegaria hoje à noite. Ele pode ficar do seu lado até você conseguir entrar.

Suspiro, porque passei seis horas dirigindo e não estou nada a fim de voltar lá para baixo agora. E também porque Cap

provavelmente é a última pessoa capaz de me ajudar nessa situação.

— Fique ao telefone comigo até eu entrar.

Gosto bem mais do meu plano. Seguro o telefone contra o ouvido com o ombro e procuro na bolsa a chave que Corbin me mandou. Coloco-a na fechadura e começo a abrir a porta, mas o bêbado começa a cair para trás a cada centímetro que a porta abre. Ele solta um grunhido, mas não abre os olhos.

— Uma pena estar bêbado — digo para Corbin. — Ele não é feio.

— Tate, entra logo e tranca a porta, porque eu quero desligar.

Reviro os olhos. Ele continua sendo o mesmo mandão de sempre. Sabia que morar com meu irmão não seria bom para o nosso relacionamento; quando éramos mais novos, ele agia como se fosse meu pai. Mas não tive tempo de encontrar emprego, achar apartamento e me acomodar antes de minhas novas aulas começarem, então não tive muita escolha.

Mas espero que agora as coisas sejam diferentes entre nós. Corbin está com 25 anos, e eu, com 23. Se nossa relação não melhorar nem um pouco, significa que ainda temos muito o que amadurecer.

Acho que vai depender mais de Corbin se mudou desde a última vez que moramos juntos. Ele criava problema com todo mundo com quem eu saía, todos os meus amigos e com todas as minhas escolhas — até com a universidade em que eu queria estudar. Não que eu ligasse para a opinião dele. A distância e o tempo que passamos separados parecem ter feito com que meu irmão me deixasse em paz nos últimos anos, mas voltarmos a morar juntos será a prova final para a nossa paciência.

Penduro a bolsa no ombro, mas ela fica presa na alça da mala, então a deixo cair no chão. Continuo segurando firme a maçaneta com a mão esquerda e fecho a porta, para que o rapaz não caia por inteiro dentro do apartamento. Pressiono o pé no ombro dele, afastando-o do centro da porta.

O cara não se mexe.

— Corbin, ele é pesado demais. Preciso desligar para usar as duas mãos.

— Não, não desligue. Coloque o telefone no bolso, mas não desligue.

Olho para o blusão e a legging que estou vestindo.

— Não tenho bolso. Você vai para o sutiã.

Corbin finge que vai vomitar enquanto afasto o telefone do ouvido e o enfio dentro do sutiã. Tiro a chave da fechadura e a solto na direção da bolsa, mas erro o alvo, e ela cai no chão. Estendo o braço para baixo, na tentativa de segurar o bêbado e afastá-lo do meu caminho.

— Vamos lá, cara — digo, fazendo força para afastá-lo do centro da porta. — Foi mal interromper seu cochilo, mas preciso entrar nesse apartamento.

De alguma maneira, consigo erguê-lo e encostá-lo no batente da porta para impedir que ele caia dentro do apartamento. Em seguida, abro-a um pouco mais e me viro para pegar minhas coisas.

Alguma coisa quente segura meu tornozelo.

Fico paralisada.

Olho para baixo.

— Me solte! — grito, chutando a mão que está agarrando o meu tornozelo com tanta força que tenho certeza que vai deixar um hematoma.

Agora o bêbado está olhando para mim, e sua força me faz cair dentro do apartamento enquanto tento me afastar dele.

— Preciso entrar aí — murmura ele, enquanto minha bunda bate no chão. Ele tenta abrir a porta com a outra mão, me deixando em pânico imediatamente. Puxo minhas pernas para dentro do apartamento e a mão dele vem comigo. Uso a perna livre para fechar a porta com um chute, batendo-a bem no pulso dele.

— Merda! — grita.

Ele está tentando puxar a mão de volta para o corredor, mas meu pé continua pressionando a porta. Diminuo a força o suficiente para que ele se solte, e na mesma hora chuto a porta para

fechá-la de vez. Então me levanto, tranco a porta, fecho o trinco e passo o ferrolho o mais rápido possível.

Assim que desacelera um pouco, meu coração começa a gritar comigo.

Meu coração está mesmo gritando comigo.

Com uma voz grave e masculina.

Parece gritar:

— Tate! Tate!

Corbin.

Olho imediatamente para o peito e tiro o telefone do sutiã, levando-o ao ouvido.

— Tate! Me responda!

Contorço-me e afasto o telefone vários centímetros do ouvido.

— Estou bem — respondo, ofegante. — Estou aqui dentro. Tranquei a porta.

— Cacete! — exclama, aliviado. — Quase me matou de susto. O que diabos aconteceu?

— Ele estava tentando entrar. Mas tranquei a porta.

Acendo a luz da sala de estar e dou três passos antes de parar bruscamente.

Que beleza, Tate.

Viro-me lentamente para a porta após perceber o que fiz.

— Hum. Corbin? — chamo, e faço uma pausa. — Deixei lá fora algumas coisas de que vou precisar. Até poderia pegá-las, mas por algum motivo, o bêbado está achando que precisa entrar aqui, então não vou abrir a porta de novo nem a pau. Alguma sugestão?

Meu irmão fica em silêncio por alguns segundos.

— O que deixou no corredor?

Não quero, mas respondo:

— Minha mala.

— Meu Deus, Tate — murmura ele.

— E... minha bolsa.

— Por que diabos sua *bolsa* está lá fora?

— E pode ser que também tenha deixado a chave do apartamento no chão do corredor.

Ele nem responde à última frase. Só solta um gemido.

— Vou ligar para Miles e ver se ele já chegou. Me dê dois minutos.

— Espera. Quem é Miles?

— Ele mora no apartamento da frente. Aconteça o que acontecer, só abra a porta quando eu ligar de novo.

Corbin desliga, e eu me recosto na porta.

Moro em São Francisco há apenas trinta minutos e já estou enchendo o saco dele. Era de se esperar. Vou ter sorte se puder ficar aqui até encontrar um emprego. Espero que não demore, pois me candidatei a três vagas de enfermeira no hospital mais próximo. Talvez isso signifique trabalhar à noite, nos fins de semana ou nos dois, mas aceito qualquer coisa para não precisar usar a minha poupança enquanto volto a estudar.

O telefone toca. Deslizo o dedo pela tela e atendo.

— Oi.

— Tate?

— Sim — respondo, me perguntando por que ele sempre confere se sou eu mesma.

Ele ligou para *mim*, então quem mais atenderia com a voz idêntica a minha?

— Falei com Miles.

— Ótimo. Ele vai me ajudar a pegar minhas coisas?

— Não exatamente. Eu meio que preciso que você me faça um grande favor.

Minha cabeça encosta na porta novamente. Tenho a impressão de que os próximos meses serão cheios de favores inconvenientes, pois ele sabe que me dar abrigo aqui é uma ajuda e tanto. Lavar louça? Confere. Lavar as roupas de Corbin? Confere. Ir mercado para Corbin? Confere.

— O que é?

— Miles está meio que precisando da sua ajuda.

— O vizinho? — Paro de falar assim que a ficha cai e fecho os olhos. — Corbin, não me diga que o cara que você chamou para me proteger do bêbado é o próprio bêbado.

Corbin suspira.

— Preciso que destranque a porta e o deixe entrar. Deixe que durma no sofá. Chego bem cedo amanhã. Quando ficar sóbrio, ele vai perceber onde está e vai direto para casa.

Balanço a cabeça.

— Que prédio é esse em que você está morando? Preciso me preparar para ser apalpada por bêbados toda vez que chegar em casa?

Uma longa pausa.

— Ele apalpou você?

— “Apalpar” talvez seja exagero. Mas ele agarrou meu tornozelo.

Corbin solta outro suspiro.

— Só faça isso por mim, Tate. Me ligue de novo quando tiver colocado Miles e as suas coisas para dentro de casa.

— Está bem — respondo com um grunhido, percebendo a preocupação em sua voz.

Desligo o telefone e abro a porta. O bêbado cai em cima do próprio ombro, e o celular desliza da mão e cai no chão ao lado de sua cabeça. Deito-o de costas e olho para ele, que abre os olhos e tenta olhar para mim, mas suas pálpebras se fecham novamente.

— Você não é Corbin — murmura ele.

— Não. Não sou. Mas sou sua nova vizinha, e pelo jeito você já está me devendo no mínimo cinquenta xícaras de açúcar.

Ergo-o pelos ombros e tento fazer com que ele se sente, mas não dá certo. Na verdade, acho que ele nem consegue sentar. Como uma pessoa fica assim tão bêbada?

Agarro suas mãos e o puxo para dentro do apartamento, centímetro por centímetro, parando apenas quando ele entra o suficiente para que eu consiga fechar a porta. Pego minhas coisas no corredor, fecho e tranco a porta. Tiro uma almofada do sofá, ergo

a cabeça dele e o viro de lado, para o caso de ele vomitar durante o sono.

E é apenas isso que vou fazer por ele.

Depois que ele está confortavelmente adormecido no meio da sala de estar, deixo-o sozinho e vou dar uma olhada no apartamento.

Só nessa sala caberiam três salas do antigo apartamento de Corbin. A de jantar é aberta para a de estar, mas a cozinha é separada por uma bancada. Há vários quadros modernos espalhados pelo cômodo, e os sofás grossos e felpudos cor de canela contrastam com os quadros vibrantes. Da última vez que morei com meu irmão, havia um sofá-cama, um pufe e pôsteres de modelos nas paredes.

Acho que ele finalmente está amadurecendo.

— Muito impressionante, Corbin — elogio em voz alta, enquanto vou de um cômodo para outro e acendo todas as luzes, inspecionando o que acabou de se tornar meu lar temporário.

Eu meio que odeio o fato de o apartamento ser tão legal. Assim fica mais difícil querer encontrar meu próprio lugar depois que juntar dinheiro suficiente.

Entro na cozinha e abro a geladeira. Há uma fileira de condimentos na porta, uma caixa de pizza na prateleira do meio e uma garrafa de leite completamente vazia na prateleira superior.

Claro que ele não tem comida. Não dava para esperar que a mudança tivesse sido *completa*.

Pego uma garrafa d'água e saio da cozinha para procurar o quarto em que vou morar nos próximos meses. Há dois deles, então entro no que não é o de Corbin e coloco minha mala na cama. Tenho mais três malas e pelo menos mais seis caixas no carro, sem falar em todas as roupas nos cabides, mas não vou cuidar disso hoje à noite. Corbin disse que estaria de volta pela manhã, então vou deixar que ele resolva isso.

Coloco uma calça de moletom e uma regata, escovo os dentes e me preparo para dormir. Normalmente, ficaria nervosa por

ter um desconhecido no mesmo apartamento que eu, mas sinto que não preciso me preocupar. Corbin nunca pediria para que eu ajudasse alguém se achasse que isso representaria algum risco para mim. O que me deixa confusa, porque, se Miles costuma se comportar assim, fico surpresa por Corbin ter pedido para que o trouxesse para dentro de casa.

Meu irmão nunca confiou em rapazes interessados em mim, e, na minha opinião, isso é culpa de Blake, meu primeiro namorado sério e o melhor amigo de Corbin. Blake tinha 17 anos, e eu, 15, e passei meses muito a fim dele. Claro que minhas amigas e eu éramos muito a fim da maioria dos amigos de Corbin, só porque eram mais velhos do que nós.

Blake ia lá para casa na maioria dos fins de semana para passar a noite com Corbin, e nós sempre arranjávamos uma maneira de ficar juntos quando meu irmão não estava prestando atenção. Uma coisa foi levando à outra, e, depois de vários fins de semana às escondidas, Blake me disse que queria oficializar o namoro. O problema foi que ele não previu a reação de Corbin quando seu melhor amigo partisse meu coração.

E, caramba, ele partiu mesmo. Tanto quanto era possível para uma garota de 15 anos em um namoro secreto de duas semanas. O caso era que Blake estava namorando oficialmente várias garotas durante essas duas semanas. Quando meu irmão descobriu, a amizade dos dois acabou e Corbin avisou a todos os seus amigos quem nem chegassem perto de mim. Foi quase impossível ter um namorado no colégio antes do meu irmão finalmente se mudar. E, mesmo depois, os garotos tinham ouvido as histórias de terror e achavam melhor ficar bem longe da irmã caçula de Corbin.

Por mais que eu odiasse aquilo na época, agora seria maravilhoso. Já cansei de namoros que deram errado depois do colégio. Morei com meu último namorado por mais de um ano antes de percebermos que queríamos coisas diferentes para o futuro: ele queria que eu ficasse em casa; eu queria uma carreira.

Então agora estou aqui. Focando no mestrado em enfermagem e fazendo o possível para evitar namoros. Talvez morar com Corbin não seja tão ruim no fim das contas.

Volto à sala para apagar as luzes, mas paro imediatamente.

Miles não apenas se levantou, como está na cozinha, com a cabeça apoiada nos braços dobrados na bancada. Está sentado na beira de um dos bancos do balcão, parecendo que vai cair a qualquer segundo. Não sei se está dormindo de novo ou se está apenas tentando se recuperar.

— Miles?

Ele não se mexe depois que o chamo, então me aproximo, toco delicadamente seu ombro e o balanço para acordá-lo. No segundo em que meus dedos apertam o ombro, ele arqueja e se empertiga, como se eu tivesse acabado de acordá-lo de um sonho.

Ou pesadelo.

Imediatamente, desce do banco com as pernas bastante instáveis e começa a balançar, então jogo o braço dele por cima do ombro e tento levá-lo para fora da cozinha.

— Vamos para o sofá, cara.

Ele encosta a testa na lateral da minha cabeça e cambaleia junto comigo, o que dificulta bastante nosso percurso.

— Meu nome não é Cara — protesta, arrastadamente. — É Miles.

Conseguimos chegar à frente do sofá, e começo a afastá-lo de mim.

— Está certo, Miles. Quem quer que você seja, vá dormir.

Ele cai no sofá, mas não solta meus ombros. Caio com ele e tento me soltar imediatamente.

— Rachel, não — implora, agarrando-me pelo braço, tentando me puxar.

— Meu nome não é Rachel — corrijo, soltando-me de sua pegada forte. — É Tate.

Não sei por que esclareço aquilo, pois duvido que ele se lembre dessa conversa no outro dia. Vou até onde está a almofada e a pego no chão.

Paro antes de devolvê-la a ele, pois agora Miles está de lado, pressionando o rosto na almofada. Segura o sofá com tanta força que os nós de seus dedos estão brancos. A princípio acho que está prestes a vomitar, mas depois percebo que estou incrivelmente errada.

Ele não está *passando mal*.

Está *chorando*.

Muito.

Com tanta intensidade que não está fazendo nenhum som.

Nem conheço esse cara, mas é difícil testemunhar seu sofrimento, tão evidente. Olho para o corredor e depois para ele, perguntando-me se não seria melhor dar a ele certa privacidade. A última coisa que quero é me envolver nos problemas dos outros. Consegui evitar boa parte dos dramas do meu grupo de amigos até agora, e quero que continue assim. O instinto pede que eu me afaste, mas por alguma razão, me compadeço estranhamente dele. Sua aflição parece realmente genuína, não é apenas o resultado do consumo exagerado de álcool.

Ajoelho-me à sua frente e toco seu ombro.

— Miles?

Ele inspira profundamente, levantando o rosto aos poucos para me olhar. Seus olhos são meras frestas vermelhas. Não sei se é por causa do choro ou da bebida.

— Me desculpe mesmo, Rachel — diz ele, erguendo a mão na minha direção. Ele coloca-a na minha nuca e me puxa para perto, enterrando o rosto no espaço entre meu pescoço e ombro. — Me desculpe mesmo.

Não faço ideia de quem seja Rachel ou do que ele fez com ela, mas, se o cara está sofrendo tanto assim, tenho um calafrio só de pensar no que *ela* está sentindo. Fico tentada a encontrar o telefone dele, procurar o nome dela e pedir que venha dar um jeito

nessa situação. Em vez disso, empurro-o delicadamente de volta para o sofá. Arrumo a almofada e o incentivo a se recostar nela.

— Vá dormir, Miles — sugiro, baixinho.

Com os olhos repletos de mágoa, ele se deita na almofada.

— Você me odeia tanto — choraminga, agarrando minha mão.

Seus olhos se fecham mais uma vez, e ele suspira com força.

Encaro-o silenciosamente, deixando-o segurar minha mão até que fique em silêncio, parado, sem mais nenhuma lágrima. Afasto a mão, mas fico do seu lado por mais alguns minutos.

Apesar de estar dormindo, ele ainda parece sofrer imensamente. Está franzindo as sobrancelhas, e sua respiração esporádica não quer se acalmar.

Pela primeira vez, percebo uma discreta cicatriz de uns 10 centímetros de comprimento que percorre uniformemente toda a lateral direita do seu maxilar, terminando a 5 centímetros dos lábios. Sinto uma vontade estranha de tocá-la e passar o dedo por toda a sua extensão, mas em vez disso minha mão vai até seu cabelo. É curto nas laterais e um pouco mais longo em cima, a mistura perfeita de castanho e loiro. Acaricio sua cabeça, consolando-o, embora talvez ele não mereça o gesto.

Talvez esse cara mereça todo o remorso que está sentindo pelo que quer que tenha feito com Rachel, mas pelo menos está sentindo algum remorso. Isso eu preciso reconhecer.

Seja lá o que tenha feito com Rachel, pelo menos ele a ama o suficiente para se arrepender.